

## A MODALIDADE DEÔNICA E OS ATOS DIRETIVOS EM *HOUSE*

Larisse Carvalho de Oliveira<sup>158</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, expomos uma amostra da nossa pesquisa de mestrado, que tem como um de seus objetivos averiguar as possíveis diferenças graduais na relação entre médico/médico, ou médico/paciente, na série televisiva *House* (2004-2012), através da ocorrência dos verbos modais e plenos. Utilizaremos a língua original da série, a inglesa, e avaliaremos como a fonte (falante), por meio de atos diretivos, ‘domina’ o alvo (ouvinte) expressando os valores deônticos de obrigação, permissão e proibição. Fomos auxiliados pelos estudos funcionalistas de Dik (1997) e Hengeveld (1988), pelos de modalidade de Lyons (1977), Palmer (1979), Neves (2006) e Lopes (2012) e pela teoria dos atos de fala de Searle (1981). A modalidade deôntica, relacionada a conduta dos falantes, trata do modo como o falante diz algo exprimindo a sua vontade, seja de forma asseverada ou mitigada, o que pode ser pontualmente associado com os atos ilocucionários diretivos propostos por Searle. Assim, demonstraremos os resultados obtidos de dados analisados de cinco episódios da primeira temporada, fornecidos pelo software estatístico *GoldVarb 30b3*. Analisamos os verbos modais, seguindo a classificação de Bland (1996), e obtivemos os seguintes percentuais, de acordo com os valores deônticos: permissão 75%; proibição 77.8% e obrigação 54.2%. Os verbos plenos lograram 25%, 22.2% e 45.8%, referentes aos seus respectivos valores. Qualitativamente, foi mais frequente encontrarmos verbos modais com a ideia de obrigação – 26 ocorrências de 48 – ainda que esses estejam disfarçados em forma de um pedido, mitigando a carga da ordem imposta pela fonte que emite o enunciado. A fonte emissora desse último valor deôntico, foi em sua maioria o médico, ao requerer algo do paciente. Portanto, concluímos que o contexto comunicativo e pragmático de enunciação facilitará a imposição da fonte, que estrutura o seu desejo em níveis semânticos modalizados sob o seu alvo, tendo em vista a necessidade de conclusão do pedido/ordem.


**PALAVRAS-CHAVE:** Modalidade; Valores Deônticos; Atos Diretivos.

### INTRODUÇÃO

A grande mistura de gêneros televisivos e a abundância de temas tratados por esses, acabou por impulsionar alguns de seus gêneros, como é o caso das séries televisivas. Esse gênero é bastante comercializado nos Estados Unidos e a cada dia ganha mais espaço na mídia brasileira.

Em face dessa popularidade, e a importância de algumas das figuras retratadas nessas séries, decidimos utilizar a série *House* (2004-2012), em sua língua original, a inglesa, para tratarmos do uso de verbos modais e plenos em cinco episódios

<sup>158</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL-UFC). [larisse\\_carvalhodeoliveira@hotmail.com](mailto:larisse_carvalhodeoliveira@hotmail.com). Bolsista demanda social – Capes. Trabalho orientado pela profa. Dra. Maria Fabíola Vasconcelos Lopes, profa. do PPGL-UFC e do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC.



da primeira temporada da série. Ressaltamos que abordaremos os imperativos como plenos e que os modais foram classificados seguindo Bland (1996).

Nas seções um e dois traremos nossas bases teóricas, que são compostas pelos preceitos de modalidade de Palmer (1979; 1986), Lyons (1977), Neves (1997; 2002; 2006) e Lopes (2009), fazendo um *link* com o funcionalismo de Dik (1997) e com a teoria dos atos de fala de Searle (1981).

Escolhemos a série *House*, pela sua grande audiência, e pela figura marcante de suas personagens, em especial o Dr. House, o que nos possibilitou tratarmos as ocorrências da modalidade deôntica, avaliando o uso dos verbos modais e plenos ocorrentes na série.

Em seguida, descrevemos como obtivemos os dados e como esses foram codificados para rotação no software *Goldwarb*<sup>159</sup>, para a contabilização das ocorrências. Logo depois, trazemos nossas análises e resultados, por meio de tabelas para melhor compreensão. A última seção traz nossas considerações finais pautadas em nossa base teórica.


## 1. O FUNCIONALISMO

Falantes se comunicam e interagem “inclinados por um fim, não acontecendo por um acaso, mas por uma razão volitiva dos falantes” (FONTAINE: 47). Essa razão volitiva será o caminho para analisarmos como as personagens se impõem linguisticamente, fazendo a sua vontade ser cumprida, permitida, ou negada.

É comum haver diferenças entre as vertentes da corrente funcionalista. De acordo com Nichols (1984), há três linhas funcionalistas, a primeira, **conservadora**, criticando os conceitos estruturalistas e formalistas, no entanto, não exprimindo um caminho de análise funcional que possa explicar as estruturas linguísticas e o propósito comunicacional. Já a segunda, **moderada**, a qual seguiremos, mostra as inadequações dessa primeira vertente e propõe uma análise funcionalista da estrutura. Por sua vez, a terceira, é mais **extremada**, considerando as regras das línguas naturais como intrínsecas a função, não admitindo a realidade cognitiva das estruturas linguísticas.

---

<sup>159</sup> É possível fazer o download do software no seguinte site: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acessado em 20 de agosto de 2014.



Já o termo função, ainda seguindo os preceitos de Nichols (1984), se divide em cinco nuances: função/interdependência, função/propósito, função/contexto, função/relação, e função/significado, explicitando que a relação de um elemento estrutural com ou dentro de uma unidade estrutural maior, se opõe ao *status* categorial.

Assume-se então, que o funcionalismo estima a capacidade de seus falantes de interagirem de modo claro, proporcionando a comunicação, usufruindo dos elementos do sistema em seu favor, e admitindo um fim comunicativo. Destacamos o que afirma Neves (1997:02):

Qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente.

É importante, neste momento, deixarmos claro que optamos por utilizar o aparato funcionalista porque seus pressupostos colaboram para investigarmos o domínio funcional modalidade e as relações médico/médico, médico/paciente, no contexto discursivo televisivo, no qual a interação entre os ‘falantes’ é artificial, mas ao mesmo tempo comporta traços verídicos, principalmente da parte linguística, aproximando-se da realidade linguística de seu tempo e costumes.

Para Dik (1997) o funcionalismo assume uma abordagem linguística que tem seu alicerce nas propriedades dos discursos com propósitos comunicativos, ou seja, a interação, o uso e explicitamente a finalidade, intenção, do falante.

Para se comunicar o falante faz uso de suas capacidades linguísticas em diversos campos. Quando faz uso da capacidade epistêmica, explora seu conhecimento linguístico e constrói seu discurso. Já quando utiliza a capacidade lógica, regras, princípios e probabilidades ornamentarão a sua fala. Com a capacidade social, relacionamos a aptidão do falante de entender como usar as expressões linguísticas do sistema, de forma a atender as singularidades das situações comunicativas de que possa participar. Através da capacidade perceptual, o falante será capaz de interpretar e construir expressões linguísticas de acordo com as suas percepções.

Já Neves (1997:21) acredita que “o falante, então, tenta antecipar a interpretação que o destinatário, num determinado estado da sua informação pragmática, possivelmente atribuirá à sua expressão linguística.” O ouvinte, por sua vez, antecipa e reconstrói o que lhe foi dito, interpretando o enunciado.

## 2. A MODALIDADE DEÔNTICA

Para Lyons (1977), a origem da modalidade deôntica diz respeito à função instrumental da linguagem, que de um lado expressa ou indica o querer e o desejo, e de outro faz com que as ‘coisas aconteçam’ por meio da imposição da intenção, do desejo e da vontade de seus agentes. Ela está preocupada com a necessidade ou a possibilidade dos atos performados por esses agentes moralmente responsáveis.

Neves (2002:196) afirma que:

a modalidade deôntica se situa no domínio do fazer (obrigação e permissão) e se liga à volição e à ordem. Obrigação e permissão podem corresponder, pois, a atos de fala, ligando-se ao imperativo, que é característico de interações espontâneas, nas quais se pode esperar que um interlocutor leve outro a fazer algo.


Os atos de fala, primeiro discutidos por Austin (1990), foram posteriormente utilizados por Searle (1981), trataremos dos mesmos na seção seguinte, principalmente daqueles diretivos, pelos quais o falante tenta conseguir algo de seu ouvinte, identificando-se com a modalidade deôntica.

O fator intencional, levantado pelos estudos dos atos de fala, pode ser relacionado à intenção comunicativa do falante, e ao valor, e também a força, que ele deseja projetar em seu ouvinte. Comparini (2009:176) atesta que o falante:

[...] pode fazer uso de frases assertivas, negativas ou afirmativas, de frases interrogativas ou imperativas. Se ele deseja impor uma ordem, usará o imperativo; se quiser envolver a audiência na instauração de obrigação ou de necessidade, fará perguntas que exigirão um posicionamento de quem responde, e para afirmar ou negar, usará assertivas.

Concordamos com Palmer (1979), que a modalidade da conduta, a deôntica, é orientada para o discurso, uma vez que é através do discurso do falante, que ele pode dar uma permissão (*may/can*; poder), fazer uma promessa ou ameaça (*shall*; partícula de futuro, intensificada pelo verbo a ser utilizado em conjunto) e ainda, a imposição de uma obrigação (*must*; dever). Já sobre o uso dos imperativos, a autora (1986:168) explicita que eles podem não ser tão fortes quanto os modais, no entanto, fica a cargo do ouvinte julgar a força de tais proposições.

Bybee (1995), por exemplo, acentua que, nas línguas naturais, os verbos modais trazem casos de polissemia, o que faz que uma forma possa ser usada



expressando valores deônticos ou epistêmicos, a depender de seu contexto comunicativo.

### 3. OS ATOS DE FALA DIRETIVOS

Os atos de fala foram expostos primeiramente por Austin (1990), que entende que a linguagem deve ser abordada essencialmente como uma forma de ação e não de representação da realidade. Ele ainda aponta que o conceito de significado se dissolve, dando lugar a uma concepção de linguagem como um complexo que envolve elementos do contexto, convenções de uso e intenções do falante.

Para Searle (1981) a linguagem é como uma forma de ação ("todo dizer é um fazer") e refletiu sobre os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem: os atos de fala.


Searle elabora sua teoria dos atos de fala dentro do eixo da filosofia da linguagem, articulando-a a questões clássicas da semântica, como proposição, referência e predicação. O autor fornece uma análise de um protótipo do ato ilocucionário de 'prometer', e oferece um conjunto de regras semânticas.

Searle parte do pressuposto de que qualquer um conhece os fatos linguísticos de sua própria linguagem, mesmo que ele não esteja em condições de elaborar critérios para seu uso.

Admitindo o ato de fala como um evento intencional, Searle acredita em uma concordância entre língua, sujeito e intenção. Para ele, a unidade mínima de comunicação linguística são os atos de fala que são produzidos com certas intenções adequáveis às possibilidades da língua. Assim, a linguagem deveria ser compreendida como comportamento intencional regido por regras. Ao fazer a conexão entre significação e intencionalidade, o autor reconhece o papel intrínseco desta última na constituição dos atos de fala.

Dessa forma, Searle prioriza a intencionalidade em detrimento da língua e da significação, "Dizer uma coisa e querer significá-la é uma questão de dizê-la com as condições de satisfação intencionalmente impostas ao enunciado" (SEARLE, 1995, p. 236). Segundo a visão do autor, não é possível fazer uma declaração sem um propósito, sem que o falante não tenha com o seu enunciado alguma intenção.

Podemos dizer que um **ato ilocutório diretivo** é um ato de fala formado a partir daquilo que o locutor tenciona, fazendo o seu ouvinte fazer ou dizer algo. Podemos associar a esse tipo de ato verbos como convidar, pedir, requerer, ordenar. Os



enunciados produzidos com intenção de levar o alocutário a realizar algo, ocorrem mais frequentemente em frases imperativas, interrogativas, com verbos exortativos e de inquirição. Essas manifestações serão analisadas na seção cinco, onde expomos algumas ocorrências de nosso *corpus*.

Na classificação proposta por Searle, os atos de fala são diferenciados a partir das regras que os enunciados cumprem, distinguindo os assertivos (as afirmações), os diretivos (as ordens), os compromissivos (as promessas), os expressivos (as felicitações), os declarativos (declarar aberta ou encerrada a sessão).

Os atos diretivos são importantes para nossa pesquisa por tratarem de ordens, o que remete-nos à modalidade deôntica e aos seus valores (permissão, negação, obrigação).

A seção seguinte apresenta como se deu a coleta e as análises de nossos dados.

#### **4. METODOLOGIA**

Inicialmente, selecionamos cinco episódios da primeira temporada da série *House* (2004-2012), televisionados em 2004<sup>160</sup>. Logo após, separamos as ocorrências de verbos modais, e as de plenos, admitindo um código para cada uma delas. Tal ação nos proporcionou trabalhar com o software *GoldVarb 30b3*, que fornece o percentual, e a quantidade de ocorrências, desde que estabelecido previamente os grupos de fatores a serem analisados.

Esses foram divididos em modais e plenos, como o grupo independente; os demais, fonte (médico ou paciente), fonte (médico ou paciente) e ainda os valores deônticos (permissão, negação, obrigação). Na próxima seção, trazemos nossas análises e resultados, assim também como os números obtidos com a rodada dos dados.

#### **5. ANÁLISES E RESULTADOS**

Nesta seção, apresentamos algumas análises feitas sobre a modalidade deôntica em verbos modais e plenos. Lembramos que os dados analisados que serão dispostos a seguir, fazem parte de um gênero que é escrito para ser oralizado, e que apesar de seu caráter fictício, seu vernáculo técnico e as situações linguísticas encenadas por suas personagens, foram construídos com base no auxílio de profissionais da área médica, consultores e médicos.

---

<sup>160</sup> Todas as transcrições utilizadas neste trabalho foram retiradas do site: <http://clinic-duty.livejournal.com/12225.html>. Acessado em: Março de 2014.

A hipótese geral, que norteia esse artigo é a de que a modalidade deôntica será mais recorrente pelo uso de verbos plenos, tendo como alvo o paciente, visto que acreditamos no fato de os médicos imporem ordens sobre o paciente com maior frequência do que aos seus colegas.

Começaremos com os dados quantitativos. Na tabela a seguir observamos no campo aplicação total que de 12 ocorrências, 10 dizem respeito aos verbos modais, sendo o resto referente aos verbos plenos.

Tabela 01 – O uso de verbos modais no discurso médico/médico e médico/paciente – fonte e alvo

	<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO / TOTAL</i>	<i>PERCENTUAL %</i>	<i>PERCENTUAL % POR GRUPO</i>
ALVO	Paciente	10/12	83.3	18.5
	Médico	29/53	54.7	81.5
FONTE	Paciente	6/8	75.0	12.3
	Médico	33/57	57.9	87.7

De início, já esperávamos encontrar uma aplicação pequena (10) por parte dos pacientes, enquanto fontes enunciativas do discurso modalizado. Atestamos que esses utilizariam expressões mais polidas, ou modalizariam mais seu discurso quando se portassem ao médico, seja por respeito, ou por convenções sociais que imputam ao médico maior relevância em uma comunidade.

Por sua vez, o número de ocorrências tendo como fonte e alvo uma personagem médica foi considerável, 33 e 29, respectivamente, o que corrobora com a nossa justificativa, que a série expõe a interação entre tais profissionais da saúde de forma significativa. As personagens médicas interagem com maior frequência no ensejo de descobrirem o que há de errado com o paciente. O percentual total por grupos (alvo), referente ao médico, obteve 81.5% das ocorrências. Esse fato pode ser explicado pelo maior número de personagens médicas na série, e como resultado da grande interação desses, quando no tratamento de um caso. Acreditamos ainda, que isso pode ter ocorrido por ser o início da série, e porque os médicos da equipe de House estavam ainda em processo de adaptação com o cargo/dever que os fora incumbidos. Isso pode explicar os usos notáveis de verbos modais entre si.

A tabela número dois, traz os dados alusivos aos verbos plenos:

Tabela 02 – O uso de verbos plenos no discurso médico/médico e médico/paciente – fonte e alvo

	<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO / TOTAL</i>	<i>PERCENTUAL %</i>	<i>PERCENTUAL % POR GRUPO</i>
ALVO	Paciente	2/12	16.7	18.5
	Médico	24/53	45.3	81.5
FONTE	Paciente	2/8	25.0	12.3
	Médico	24/57	42.1	87.7

Por outro lado, o número de ocorrências de verbos plenos, tendo como alvo o paciente, foi de apenas 2, para 6 quando fonte. Os médicos como fonte ou alvo, tiveram o mesmo número de ocorrências, 24, quando fizeram uso de tais verbos.

Analisaremos a seguir, os dados concernentes aos valores deônticos.

Tabela 03 – Verbos modais no discurso médico/médico e médico/paciente – valores deônticos

	<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO / TOTAL</i>	<i>PERCENTUAL %</i>	<i>PERCENTUAL % POR GRUPO</i>
VALOR DEÔNTICO	Permissão	6/8	75.0	12.3
	Proibição	7/9	77.8	13.8
	Obrigação	26/48	54.2	73.8

Os números referentes aos valores deônticos, tanto de plenos quanto de modais, ainda não são suficientes para gerarmos conclusões decisivas. O valor de obrigação está balanceado, tendo pouco mais de 8% de diferença, entre as ocorrências. No entanto, percebemos um cuidado da equipe médica em usar modalizadores para proibir algo, amenizando a carga semântica de sua proposição. O valor de permissão modal também obteve maior relevância quando utilizado, 77.8%, o que nos causou estranhamento, frente ao comportamento da personagem de House, que parece utilizar, em sua maioria, verbos plenos em seu discurso.

A tabela seguinte alude aos verbos plenos, em sua maioria, àqueles encontrados na forma do modo imperativo, na série.

Tabela 04 – Verbos plenos no discurso médico/médico e médico/paciente – valores deônticos

	<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO / TOTAL</i>	<i>PERCENTUAL %</i>	<i>PERCENTUAL % POR GRUPO</i>
VALOR DEÔNTICO	Permissão	2/8	25.0	12.3
	Proibição	2/9	22.2	13.8
	Obrigação	22/48	45.8	73.8



Os verbos plenos com valor de obrigação (45.8%) mostraram-se balanceados face ao número dos modais. Aqueles referentes aos valores de permissão (25.0%), e de obrigação (22.2%), não divergiram muito, corroborando assim, com a nossa hipótese, de que o tratamento discursivo no ambiente de trabalho da série, durante a primeira temporada é mais formal.

### 5.1 Análise e discussão dos dados qualitativos

Selecionamos algumas ocorrências, que serão discutidas a seguir. Verificamos que a ocorrência de verbos plenos aconteceu de duas formas, a primeira se dá quando o alvo e fonte são o médico:

- a. House: **Get** her a contrast MRI. (1X01 mm)<sup>161</sup>  
(Façam uma ressonância magnética com contraste nela)
- b. House: **Do** the MRI, she folded. (1X01 mm)  
(Faça um MRI, ela concordou.)
- c. Cameron: We **gotta** get her out of there (1X02 mm)  
(Nós temos que tirar ela de lá.)

Nas ocorrências acima, percebemos o uso do modo imperativo. A personagem com cargo hierárquico mais alto, Dr. House, faz uso desse modo constantemente para expressar suas vontades, que devem ser atendidas pelos seus subordinados.

A segunda forma, por sua vez, ocorreu quando a fonte é o médico e o alvo é o paciente, por exemplo:

- d. Foreman: He **needs** this surgery. (1X03 mm)  
(Ele precisa dessa cirurgia)
- e. Chase: **Lift up** your chin. [He listens to her breathing.] Sister. (1X05 mp)  
(Levante o seu queixo. [ele escuta ela respirar] Irmã.
- f. <sup>162</sup>Amigo de uma paciente: I **need** to talk with you, Dr. House. (1X05 pm)  
(Eu preciso falar com você Dr. House.)
- g. Cameron: We **need** to stabilize her. (1X05 mm)

<sup>161</sup> Os exemplos estão seguidos por seus códigos de identificação: 1X01 mm – 1ª temporada, 1º episódio, médico se dirigindo a outro médico; ‘pm’ paciente se dirigindo ao médico. Os demais seguem a mesma lógica. As traduções são de nossa autoria.

<sup>162</sup> Apesar de não ser o paciente que fala, classificamos as interações de parentes, amigos e/ou responsáveis nessa mesma figura.

(Nós precisamos estabilizá-la)

h. Cuddy: **I need** you to do your job. (1X01 mm)

(Eu preciso que você faça o seu trabalho)

Quando o médico está se dirigindo ao paciente, o valor deôntico aparece de dois modos. Ou é requerido do paciente por meio do modo imperativo, tal qual indica Palmer (1986), o imperativo mantém uma relação deôntica, similar às declarativas na modalidade epistêmica, ou através do verbo ‘precisar’, como podemos ver nos itens ‘d’, ‘g’ e ‘h’. Novamente em Palmer (1986:32), quando se fala dos atos indiretos de fala, temos uma sentença parecida com o verbo ‘want’ (querer) - ‘*I want you to open the door*’ (Eu quero que você abra a porta) - ao qual podemos associar os itens ‘g’ e ‘h’. Esse último expressa uma necessidade do médico, mas também um ato diretivo, uma ordem, que é mascarada pela necessidade, podendo até ser substituída pela expressão ‘ter que’. O item ‘h’ é ainda mais enfático, e mais parecido com o proposto por Palmer, “*I need you to do your job*”, o verbo ‘need’<sup>163</sup> (precisar) poderia até ser substituído pelo verbo ‘want’ (querer), expressando toda a força imposta pela fonte.

O mesmo acontece com Lopes (2009:111), que classificou o uso do verbo **precisar** como uma obrigação. Era dever/obrigação de o aluno identificar-se na atividade: “P: Acabou? **Precisa** do nome e do número porque se você não colocar seu nome, seu número, você vai estar sem nove escores, eu não sei de quem é ...”<sup>164</sup>

Ou seja, pelo uso da forma ‘precisar’, o professor fez o discurso mais impessoal, como acrescenta Lopes. No discurso médico o verbo ‘need’, aparece para identificar uma necessidade da fonte (médico), que requer de seu alvo a feitura de algo.

O item ‘f’ mostra a necessidade volitiva de um amigo de um paciente em querer conversar com o médico. Sua escolha verbal é mais amena com o verbo ‘precisar’, implicitamente pode ser entendida como uma ordem disfarçada de polidez. Novamente, o nível hierárquico entre paciente e médico sugere que o tratamento do médico pelo paciente seja cuidadoso e pincelado com certa cortesia.

i. House: Forget it. If you don’t trust steroids, you **shouldn’t** trust doctors (1X01 mp)

(Esqueça. Se você não confia em esteróides, você não deveria confiar em médicos.)

<sup>163</sup> Admitimos o verbo need (precisar), como um verbo pleno em língua inglesa.

<sup>164</sup> Ocorrência intitulada 126 no trabalho, com o código (PR405).

- j. Foreman: I still think it's a tumor. I think we **should** go back to the radiation. (1X01 mm)  
(Eu ainda acho que é um tumor. Eu penso que nós deveríamos voltar para a radiação.)

Acima, temos o verbo modal *should* (dever), apresentando uma 'ordem' em 'i', mas inserindo polidez em seu enunciado. Em 'j' a fonte, o Dr. Foreman, usa o pronome de primeira pessoa do plural '*we*', para partilhar a sua ação com a equipe médica e assim, não tomar toda a carga de responsabilidade para si.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados quantitativos e qualitativos podemos concluir que os verbos modais oferecem mais dinamicidade ao tipo de discurso televisivo estudado, impondo valores hierárquicos de polidez, como lembra Bland (1996), e por vezes disfarçando uma ordem sob o pretexto de uma suposta necessidade performada pelo verbo '*need*' (precisar) tal qual pode ser associado ao proposto por Palmer (1986), a respeito do verbo *want* (querer).

A variação entre verbos modais e verbos plenos como manifestantes da modalidade deôntica na série televisiva *House* não repercute necessariamente uma mudança, são estruturas que coexistem e que ocorrem dependendo do discurso, da fonte e do alvo e de aspectos sociais (hierarquia). Isso se confirmou de acordo com Lopes (2009), quando no tratamento da figura hierárquica do professor, manifestando-se sobre o seu alvo, os alunos, como detentor do conhecimento a ser exposto.

As ocorrências relacionadas ao verbo '*need*'(precisar) chamaram nossa atenção por se tratar de um caso a parte, parecido com o exposto por Palmer (1986). Esses tipos de ocorrência indicam uma ordem, o falante requer algo de seu ouvinte, por meio de um ato de fala diretivo. Por fim, vale ressaltar que as análises feitas até este momento são preliminares, requerendo a análise de mais dados de nosso *corpus* para maiores elucidacões.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **Quando dizer e fazer**; palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BLAND, S. K. **Intermediate Grammar**: from form to meaning and use. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BYBEE, J. L. “The semantic development of past tense modals in English”. In: BYBEE, J., FLEISCHMAN, SUZANNE (Org.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishings Company, 1995, p.503-517.

COMPARINI, A. M. P. “A modalização deôntica no discurso jurídico”. In: PEZATTI, E. G. (org). **Pesquisas em gramática funcional: descrição do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, p. 173-201.

DIK, S. **The theory of functional Grammar**. Parte I. The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1997.

FONTAINE, J. **O círculo linguístico de Praga**. São Paulo: Cultrix, 1978.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in functional grammar of Spanish. In: **Journal of Semantics**. v. 6, 1988, p.227-269.

LOPES, M. F. V. **A modalidade deôntica na aula de inglês ministrada em português**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. 263pgs.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, v.2, 1977.

MARTINET, A. “Qu’est-ce que la linguistique fonctionnelle?” **ALFA**, v. 38, 1994, p. 11-18.

NEVES, M.H.M. **A gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. “A modalidade”. In: KOCK, I. VI. (org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Vol. VI. Campinas: Unicamp/FAPESP, p. 171-208, 2002.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, J. **Functional theories of Grammar**. Annual Review of anthropology, v.43, 1984.

PALMER, F.R. **Modality and the English modals**. London: Longman, 1979.

\_\_\_\_\_. **Mood and modality**. New York: Cambridge University Press, 1986.

PESSOA, N. P. **Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. 151pgs.

SEARLE, John R. **Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem**. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

\_\_\_\_\_. **Intencionalidade: um ensaio em filosofia da mente**. Trad. Julio Fischer e Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SHORE, D. **House M.D**. Fox / Universal Studios. Criador: David Shore. Produção: Katie Jacobs, David Shore, Paul Attanasio, Bryan Singer, Russel Friend, Garrett Lerner e Thomas L. Moan – Fox. Elenco: Hugh Laurie, Lisa Edelstein, Robert Sean Leonard, Jennifer



Morrison, Jesse Spencer, Omar Epps, Petter Jacobson, Kal Penn, Olivia Wilde. Script disponível em:<http://clinic-duty.livejournal.com/12225.html>. Acessado em: Março de 2014.

